O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 42.º — N.º 2122

Sábado, 26 de Novembro de 1949

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

O ANIVERSÁRIO DO CHEFE DO ESTADO

Todos os jornais do país se referiram ante-ontem, quinta-feira, com palavras encomiásticas, ao sr. Marechal Oscar de Fragoso Carmona, que atingiu 80 anos de idade, e que nós também saudamos por o vermos com tanto aprumo presidir ainda aos destinos da Nação.

O sr. Marechal Carmona veio para a política no momento próprio. Militar brioso e altivo, norteado pelos princípios de uma sã moral, não hesitou tomar o lugar, que hoje ocupa, quando a Pátria, doente, por alguém chamou que lhe acudisse.

Viveu horas atribuladas nessa época de desvairo? Sem dúvida. A sua educação, porém, e o seu prestígio; os seus sentimentos e a sua cordura, sem pôr de parte enérgicas atitudes, indispensáveis nas horas de maior perigo, tudo venceram. Portugal e a República devem, pois, ao venerando Chefe do Estado, além de vinte e três anos de paz contínua e serviços que lhe hão-de imortalizar o nome, honras que não podem ser esquecidas e que postas em destaque, como aconteceu no dia do seu aniversário natalício, só dignificam a nossa qualidade de portugueses, dos quais é representante querido, estimado, de nobres predicados.

Muito calor

—o—

Informações de Nova York dizem que em consequência de uma verdadeira vaga de calor sentida em toda a costa oriental da América do Norte, homens e senhoras tornaram a sair com fatos e vestidos de Verão.

O calor foi tão intenso nos meados do mês, que algumas árvores de fruto começaram de novo a florir, tal qual como sucedeu entre nós nalguns pontos da província.

Que dirão a isto os sábios da natura acostumados a ler nos astros?

NAVIOS "BACALHOEIROS,,

Devido à agitação do mar na última semana, os *Novos Mares, Rio Caima, António Ribau* e *Vaz*, que aliviaram a carga em Leixões, andaram uns poucos de dias a pairar ao largo da nossa barra até nela poderem entrar.

Quando será que estas dificuldades hão-de desaparecer por uma vez?

Serviço de aviação

Partiu recentemente dos Estados Unidos para a Grã-Bretanha um avião gigantesco que conduziu nada menos de 90 passageiros e 13 tripulantes.

O *record* anterior dos aviões de transporte era de 95 pessoas e no mesmo percurso. Mas os americanos não descansam e por o número dos seus arrojados empreendimentos, sobe, sobe sempre...

EDIFÍCIO DO GOVERNO CIVIL

Agora chegou a pressa visto até ao domingo se trabalhar na conclusão da obra.

Como se aproxima o ano de 1950, para presente do Natal vem a propósito...

Efeméride

—o—

Faz hoje 92 anos que nasceu no Porto José Pereira de Sampaio (Bruno), que na história do pensamento filosófico português deixou nome, pois subiu a grande altura por direito próprio. Republicano, dirigiu o diário *A Voz Pública* e os trabalhos de toda a sua obra abrangem os principais capítulos da ciência especulativa, dominando, especialmente, os de caracter sociológico.

Um dos seus críticos escreveu: «Os livros de Sampaio Bruno não são atraentes; mas para quem os quizer ler *em pequena velocidade* consentindo pachorrentamente em todas as digressões eruditas e acolhendo benevolamente os comentários anedóticos, estará sempre destinado e acesso a prespectivas inesperadas e compensadoras. Os livros de Sampaio Bruno, uma vez lidos e segunda vez pensados, indicam o caminho da melhor solução de alguns problemas nacionais».

O TEMPO

Entrámos em lua nova com alguns aguaceiros e frio.

Pronuncio de Inverno rigoroso?

Recenseamento Geral da População

Vai proceder-se, em 1950, a este trabalho em todo o território do continente, ilhas adjacentes e do Império Colonial.

Fica sendo o nono.

Benemerência

Para os pobres que este jornal costuma socorrer, recebemos: duma senhora desta cidade, 20$00, e igual quantia do sr. Henrique da Anunciação e Silva, de Coimbra, em sufrágio da alma de seu pai.

A ambos os nossos agradecimentos.

Ao de leve...

Lêmos no *Correio do Vouga* que a Excelentíssima edilidade aveirense se reuniu há pouco com várias pessoas para a troca de impressões sobre as festas anuais que devem realizar-se em Maio, como há dois anos, e também por intermédio do *Jornal de Notícias* chegou ao nosso conhecimento ter o sr. dr. Alberto Souto declinado o convite para a elas presidir.

Se nos fôr permitido, lançamos desde já esta pergunta: como se arranjarão as coisas de modo a estar desimpedido o centro da cidade para o trânsito dos forasteiros daqui a seis meses?

Banda Amizade

Está a comemorar o seu 115.º aniversário, tendo-se realizado, na terça-feira de manhã, a cerimónia do hastear da nova bandeira e à noite a sessão solene em que usou da palavra o advogado, sr. dr. Luís Regala, que falou com brilho á numerosa assistência que o escutava e de quem recebeu merecidos aplausos. Referiu-se à Santa Cecília, padroeira da banda e dos músicos de todo o mundo, descrevendo a sua vida; salientou alguns nomes consagrados na divina arte, como Chopin e outros, e acentuou vários acontecimentos em que aquele conjunto se fez ouvir, como, por exemplo, na inauguração da estátua de José Estêvão e na implantação da República, tendo, por fim, encerrado a sessão a que presidia o sr. José de Pinho.

Para hoje está marcado o concerto, que terá início às 21 h. e para ámanhã a missa, a romagem aos cemitérios e o jantar de confraternisação.

Pedem-se providências

As chuvas que ultimamente caíram tornaram intransitável o acesso ao Bairro da Misericórdia, queixando-se disso os seus moradores.

A quem de direito.

Achados

No Comando da Polícia deram entrada desde 17 do corrente até esta data, segundo nos comunicam, uma nota do Banco de Portugal, uma chave de bocas em aço cromado, um saco de pano contendo géneros alimentícios, uma caneta de tinta permanente e diversas chaves.

Quem perdeu?

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Ilha do Diabo

—o—

Eis o lugar ideal para os chefes comunistas da América, segundo a sugestão de um membro democrático da Câmara, que se lembrou da longínqua Ilha, no Pacífico, como excelente colónia penal a aproveitar para os 11 condenados por conspirarem contra o Governo da grande República e que por lá andam a fazer das suas.

A Ilha do Diabo é aquela falada Ilha onde Dreyfus esteve até ser reabilitado e cuja causa, agitada no célebre panfleto—*J'accuse!*—de Emílio Zolá, teve repercussão em todo o mundo, que pela verdade se manifestou, também, acompanhando o eminente escritor francês nos seus anceios de justiça.

Do que se haviam de lembrar agora os americanos!

Transcrição

O nosso presado colega *Jornal de Felgueiras* deu-nos a honra de transcrever o artigo *Coisas do Mundo e da Imprensa*, pelo que lhe ficamos gratos.

Além túmulo

Dr. Lúcio Vidal

Faz na terça-feira 7 anos que a Morte o arrebatou depois da doença o haver torturado como um castigo, que não merecia. Ainda não esqueceu, nem será fácil esquecer a este jornal, que o teve como um dos seus melhores amigos e colaborador. A preciosa vida do ilustre vaguense é, por isso, lembrada com saudade.

E porque a gratidão, para nós, nunca foi uma palavra vã, aqui estamos a traçar mais esta meia dúzia de linhas, impulsionados por uma sólida estima, pelo muito que admirámos as suas altas qualidades, a sua fecunda inteligência e a nobreza dos seus sentimentos.

António Lúcio Vidal, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, nasceu em Vagos, lá teve banca de advogado, foi notário e lá morreu ainda novo. Jaz em campa raza, a um cantinho do cemitério da vila. Talvez ainda haja mais quem se lembre dele, além da família. Pedimos, porém, licença para, nos lugares da frente, ocuparmos a primeira fila.

1.º DE DEZEMBRO

Na próxima quinta-feira é feriado no território da República, com encerramento do comércio e das indústrias em homenagem aos revolucionários de 1640, que se bateram pela independencia de Portugal como verdadeiros herois.

Oxalá o dia nunca seja esquecido, mantendo-se sempre viva a chama patriótica no coração do povo lusitano.

ENERGIA ELÉCTRICA

—o—

Também na Itália se fez sentir grandemente a sua falta no Verão, causada pela séca, pois não aparecia principalmente nos centros industriais e nas grandes cidades. Em Roma, por exemplo, as avarias na distribuição da corrente eram frequentíssimas, chegando a desorganizar o trabalho nos escritórios e nas oficinas e a haver todos os dias paralizações do trânsito por causa das filas dos eléctricos emobilizados.

Já vêem, pois, que não foi só cá. Foi em Portugal, foi na França, foi na Itália e foi ainda noutras partes onde os caudais de água deixaram de exercer a sua função benéfica sem haver forma de os substituir ràpidamente.

Acontece.

Futebol à facada!

—o—

Noticiaram alguns diários que na vila de Oliveira de Azemeis, tendo havido azêda discussão entre dois rapazes, empregados numa fábrica de botões, por causa do jogo da bola, um deles caíu anavalhado pelo seu antagonista no Parque de La-Salette, vindo a falecer depois de dar entrada no hospital.

A Guarda Republicana prendeu o agressor; mas o que não evitou foi mais uma cena triste, que justifica o nosso desinteresse por tudo quanto esse desporto ocasiona de reprovável.

O velho Teatro Aveirense, remoçado, abriu as suas portas ao público

Uma obra grandiosa, que eleva a cidade, os que a empreenderam e a construiram

Belo! E' a exclamação que espontâneamente aflora ao nosso espírito e do bico da pena cai sobre o papel ao iniciarmos a notícia que vamos dar sobre o Teatro Aveirense após a radical transformação por que acaba de passar, tornando-se mais amplo, mais comodo e mais confortavel em todo o sentido. Mais amplo, porque cresceu, conquistando terreno; mais comodo, porque oferece, realmente, bem estar; mais confortavel, porque, com efeito, é um consolo o ambiente que nos proporciona nas noites de espectaculos, como sucedeu durante o concerto da Orquestra Sinfónica de Florença, primeiro, e as representações da revista *Esquimó Fresquinho* no sábado e domingo ultimos.

Para nós, a verdadeira inauguração do Teatro, após o seu novo arranjo, permita-se-nos que o digamos, foi no dia 11, devido à presença nele do conjunto musical que se fez ouvir, embora oficialmente, na sua história, fique registada a data de 19.

Para a solenizar efectuou-se, no palco, uma reunião da Direcção, sendo o acto presidido pelo sr. Governador Civil substituto em volta do qual se sentaram os srs. tenente-coronel Carlos Gomes Teixeira, presidente da Assembleia Geral do Teatro, dr. Pompeu Cardoso, Ulisses Pereira, e José Maria Monteiro, do Conselho Fiscal, um representante camarário; Carlos Aleluia, do Círculo de Cultura Musical; coronel João Pereira Tavares; comandante da Guarda Republicana, cap. Gumerzindo da Silva; comandante da P. S. P., cap. Firmino da Silva; coronel Gaspar Ferreira, presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro e deputado; João Macêdo, presidente do Grémio do Comércio; dr. José Pereira Tavares, reitor do Liceu; capitão do porto, Guilhermino Magalhães e dr. António Amaral, delegado do Instituto Nacional do Trabalho.

O público, mais ou menos seleccionado, enchia completamente a lotação da casa: plateia, frisas, camarotes e balcões de 1.ª e segunda ordem, computada em 1050 pessoas.

Falou em primeiro lugar o sr. tenente-coronel Gomes Teixeira, que, descreteando sobre a sua função dentro da Sociedade, disse algo àcerca da obra que acaba de enriquecer Aveiro por as proporções assumidas.

Seguiu se o sr. Egas Salgueiro. O presidente da Direcção narra as dificuldades que teve de vencer com os seu colegas, aponta alguns promenores e agradece a quantos o auxiliaram, acabando por afirmar que se não fez melhor foi devido às circunstâncias não lho terem permitido.

Por sua vez, o prof. José Duarte Simão faz história; e como é isso que mais interessa de momento, por ser curiosa, devido às alusões ao passado, segue:

Vem de longe o gosto ou paixão dos aveirenses pelo teatro...

Até às gerações de agora pôde a tradição trazer, ainda que esbatida, a notícia de que, já ai por volta do segundo quartel do século passado, as récitas de furiosos ou amadores tinham foros de acontecimento, e nas quais predominava, sobretudo, o meio operário. E compreende-se que assim fosse, dada a actividade fabril do meio, que punha em contacto de permanente sociabilidade os trabalhadores e artífices dos vários misteres e ofícios.

Nesses espectáculos predominavam, sobretudo, os Autos ou «Entremeses», misto de religiosidade e tradição, e de sabor, talvez, um tanto Vicentino, de mistura com a baixa comédia ou farsa de ditos picantes e situações dúbias, de que era abundante a literatura da época (os autores proliferavam como cogumelos!), e de quando em quando, o seu dramalhão... de estarrecer os ouvintes,—daqueles dramalhões... de faca e alguidar!

E fazia furor — este género de representações!

Daí nasceram os famigerados teatrinhos: o da Rua do Rato (às Olarias), e o da Rua do Carril, que a memória de um ou outro feliz octogenário ainda retém.

Impròpriamente se dava o nome de «teatros» e estes dois primitivos templos da arte de Talma, pois não passavam de modestos salõezinhos, adrede preparados e adaptados para o efeito, e para um público ávido de passatempos, bem que numeroso para a época, assaz reduzido, mas onde se desenvolvia e aperfeiçoava a veia cómica ou melodramática de alguns predestinados, formando escola que estendeu suas raizes até às modernas gerações, e criando, ao mesmo tempo, no povo aveirense um requinte de sensibilidade artística e um gosto acentuado pela arte dramática.

Rodaram os anos... e a «febre» foi aumentando paralelamente.

Aquelas duas casinhas, porém, já não satisfaziam nem os desejos nem o interesse, sempre crescente, tanto do público como dos amadores, mais avolumado ainda pelo aparecimento de algumas companhias teatrais organizadas, que fizeram as delícias dos nossos avós.

Era a época dos velhos mestres da comédia: — o Taborda e o Vale, com o seu inconfundível poder de hilariedade!

Até nós, em tradição recebida dos mais velhos, chegam, ainda, em reboada, as gargalhadas estrepitosas provocadas por a Senhora Ministra,

Pelo Liceu

Por ter atingido o limite de idade, deixou de exercer as suas funções o chefe do pessoal menor do nosso primeiro estabelecimento de ensino, sr. António Ferreira Patacão.

Era um funcionário modelar, muito respeitador, que ali prestava serviço há muitos anos, devendo, por isso, a sua falta fazer-se sentir.

Dura Lex...

"Pão de ló de Ovar,,

Está definitivamente assente a representação desta revista de amadores, na noite de 10 de Dezembro, no Cine Teatro-Avenida e sabemos já que apesar dos bilhetes ainda não estarem à venda os pedidos teem sido inúmeros, o que só demonstra o interesse que há em apreciar o conjunto artístico da importante vila.

Preparemo-nos, pois, para saborear o *Pão de ló de Ovar*...

Coisas da bola

Do sr. Carlos Ferreira, comerciante em Viseu, recebemos um exemplar do relatório da reunião magna dos sócios do Club Académico de Futebol realizada em 14 do corrente com o intuito de nos esclarecer sobre o que lá se passou entre jogadores dessa modalidade desportiva e deu origem a uma local publicada no *Democrata*.

Agradecemos, ficamos inteirados e pedimos desculpa de nada mais dizermos.

Cinema

No Teatro Aveirense principiaram na quinta-feira os espectáculos cinematográficos com grande afluência de espectadores.

o Comissário de Polícia, e *tantas figuras características, que eram o fulcro das comédias de Gervásio Lobato.*

Reconhecida, por isso, insuficiência das pequeninas casas de espectáculo, e ainda para incentivo dos amadores, e a bem da arte e da cultura, — aí por volta de 1853, algumas figuras de destaque no meio aveirense, e sob o patrocínio da Câmara Municipal, de então, da presidência do Dr. Bento Xavier de Magalhães, tomaram a iniciativa da construção de uma casa própria destinada a espectáculos na cidade.

Procurou-se interessar na iniciativa a população e até o próprio Estado, com mira na obtenção de qualquer subsídio, e parece que alguma coisa se conseguiu; e para isso contribuiu muito o valimento, junto dos Poderes Públicos, do notável tribuno José Estêvão Coelho de Magalhães.

Estava lançado, e com bons fundamentos, a ideia da criação ou construção do Teatro Aveirense.

* * *

Não cabe na índole dumas ligeiras notas a história completa do Teatro da nossa terra; mas simplesmente espero traçar uma breve resenha das suas principais fases até o seu estado actual.

A ideia da construção frutificou; e, passado pouco mais de um ano, dava-se um grande passo em frente, com a aquisição do terreno pela Câmara Municipal, então presidida por Pedro Augusto Freire de Andrade e Albuquerque, (Visconde de Santo António).

Mas as obras de construção só tiveram verdadeiro início em 1857, ainda a expensas da Câmara, a que presidia, então, Francisco Joaquim de Castro Pereira Corte Real, da Casa da Oliveirinha, e pai do que, mais tarde, foi o Conselheiro José Luciano de Castro, — para continuarem até 1859, já com nova Câmara, novamente da presidência do Dr. Bento Xavier de Magalhães.

Como se vê, a cruzada para a edificação do Teatro reunia à sua volta o prestígio de grandes figuras de Aveiro. Mas!...

A eterna falta de verba, as dificuldades em reunir os capitais necessários à continuação da empresa levaram à paralização das obras, quando a casa ostentava já em pé as suas paredes, até, pròximamente, ao nível do 1.º andar.

Depois... O cansaço, e o esquecimento, que se prolongaram por cerca de... 20 anos!

Entretanto, a campanha prò teatro voltou a ser agitada, e muito especialmente por Manuel Firmino de Almeida Maia, no seu jornal Campeão das Províncias; *e nos seus relatórios, como presidente, que foi, da Câmara, fazia largas referências às necessidades prementes da construção. Passava-se isto à volta de 1863/1864.*

Nada de prático resultou, entretanto; e até que, na vigência da Câmara de 1878/1881, a que presidia Sebastião de Carvalho e Lima, este, juntamente com Manuel Firmino e outros, promoveram a organização de uma sociedade, por acções, capaz de concluir as obras do Teatro — ao tempo em completo estado de abandono!

Criou-se, assim, a «Sociedade Construtora e Administrativa do Teatro Aveirense», definitivamente constituída em 1879, — e uma parte de cujas acções foi tomada pela Câmara, à conta das despesas feitas com a aquisição do terreno e das obras efectuadas até ao ponto que tinham atingido. As restantes acções — de 5000 reis — foram, em parte, tomadas pela população da cidade, mais com o carácter de subscrição do que com fins especulativos. Esta a Sociedade que, com ligeiras alterações, ainda hoje persiste.

Entraram, pois, as obras do Teatro, na sua verdadeira fase de adiantamento, e até à conclusão, que se operou em 1881. Casa bonita, aconchegada e atraente, de boa capacidade para a época, e da qual muitos dos vivos se lembrarão ainda, — devia ser uma das melhores casas de espectáculos da província.

Para a inauguração veio propositadamente a Companhia do Teatro D. Maria II, de Lisboa, aquela que, mais tarde, foi a grande Companhia Rosas & Brasão.

Aveiro e os seus amadores viam, enfim, realizado o sonho de possuirem um teatro a valer.

Depois... foi a série interminável de espectáculos de toda a espécie, o desfilar de Companhias de todas as categorias, — o escol dos artistas da grande galeria nacional: os irmãos Rosas; o Eduardo Brasão; José Ricardo, Ferreira da Silva, Chabi Pinheiro, Rosa Damasceno, Lucinda Simões, Angela Pinto, Adelina Abranches, infelizmente já todos desaparecidos, e tantos, tantos nomes, nacionais e estrangeiros, que, só por si, encheriam... um livro da história teatral. E do drama à alta Comédia e Farsa; da Opereta à Revista ou Teatro de Variedades — tudo por aqui passou em basta policromia, a colher os aplausos dos aveirenses, sempre apreciadores do teatro.

Porém, uma das facetas mais curiosas que o Teatro imprimiu no meio aveirense foi a criação e desenvolvimento dos grupos de amadores, — alguns, artistas consagrados, de que Aveiro se orgulhou e orgulha, — formando um verdadeiro escol, e cuja actuação poderia ser igualada no país, mas não excedida.

Estão ainda na memória de grande número as fases gloriosas das Zarzuelas, (Marcha da Cadiz; a Pastora; El Bateo; O Caramelo, etc., etc.), e algumas revistas locais, teatro musicado tanto do gosto aveirense, para entrar na declamação a fundo, com a época da peça policial americana — Os 20.000 dólares, *mais tarde apresentada em reprise, e logo seguida da fase das revistas locais — de grande espectáculo —* A Caldeirada *e sua transformação em* A Filha da Caldeirada. *— tudo realização do famoso* Grupo Cénico do Club dos Galitos.

A opereta O Moleiro de Alcalá; *a peça policial francesa* O Rei dos Gatunos; *a ópera cómica,* A Mascote, *— levadas à cena pela Associação Dramática de Aveiro, de duração efémera, e formada por muitos dos amadores de anteriores grupos, foram outras tantas coroas de glória dos amadores de Aveiro.*

No ouvido das modernas gerações perduram ainda os ecos vibrantes das valsas e canções das últimas revistas locais — Ao cantar do Galo, *e* Molho de Escabeche *— trabalho de aveirenses e representado por aveirenses.*

Nomes?! Para quê? — São tantos e alguns de saudosa memória!... — Augusto Guimarães, Manuel Moreira, Abel Costa, Antero Machado, Manuel Paula Graça, para falar só dos mortos, são nomes que o nosso Teatro em muitas e muitas noites consagrou.

E aí estão ainda alguns vivos, a estimular os novos nos seus empreendimentos: — O Aurélio Costa, o José Simão, o Mário Teles, o Costa Campos, José de Pinho, José Maria Monteiro, Costa Ferreira, Ulisses Pereira, José Vieira, quase todos do Grupo dos «Galitos», e tantos, tantos outros, novos e velhos, que tanto sentiram a luz vibrante da ribalta, pisando as tábuas já carcomidas do nosso velho palco.

* * *

Mas, voltemos ao Teatro Aveirense.

A primitiva casa era já pequena para satisfazer as necessidades da população em aumento; e, logo após o advento da República, as direcções encararam o problema da ampliação e transformação do Teatro.

Elaborado um projecto pelo arquitecto Marques da Silva, do Porto, (1911-1912), foi aceite pela Direcção dessa época, que tentou contrair na Caixa Económica de Aveiro um empréstimo necessário à efectivação da obra. Certas peias burocráticas, com um pouco de politiquice local à mistura, obstaram à sua consecução, e o projecto... foi dormir o sono dos justos.

Importavam as obras em... 10 contos de réis!!!

Mais tarde, já com nova Direcção, foi organizado novo projecto pelo engenheiro Von Haff — de proporções mais modestas e mais reduzido orçamento — e que previa o desaparecimento das antigas frisas, no primeiro plano da sala, para alargamento da plateia, e a construção de um balcão, acima do nível da plateia, e até cerca de metade desta, em plano um pouco inferior ao dos camarotes, com entradas por dois deles, laterais, assim condenados, devido às suas más condições de visibilidade.

Este projecto só foi executado na parte respeitante ao desaparecimento das frisas e prolongamento da plateia até por debaixo dos camarotes, aí por 1917, estando Henrique Rato na presidência da Direcção, e ficando a segunda parte — o balcão — dependente da oportunidade de melhores condições financeiras... que nunca mais surgiram.

E seguiu-se nova fase de marasmo, suscitando o descontentamento e reclamações do público, por uma sala de espectáculos antiquada, e com rudimentares condições de conforto. E de tal modo se avolumava o descontentamento dos frequentadores do Teatro, muitos deles accionistas, que, em sucessivas assembleias gerais, — nestes últimos 10 anos — foi fartamente debatida a necessidade de operar no Teatro obras de transformação, ampliando-o e modernizando-o, à altura da época.

Criado, assim, o ambiente propício à realização de obras de vulto, tornava-se mister encontrar uma Direcção ao nível das circunstâncias, uma verdadeira Direcção de Combate, — capaz de enfrentar com êxito o momentoso problema.

E após várias alternativas, — com a saída ou a substituição de elementos directivos — que foram até à nomeação de uma Comissão Administrativa, de carácter transitório, que tinha, além de outros encargos, o de elaborar o plano de obras que o momento requeria, — e mais factos e pormenores, que não cabem no âmbito desta resenha, — essa Direcção surgiu, nas eleições dos Corpos Gerentes para o triénio de 1944-1946, e em que aparece, como presidente da Direcção efectivo, Egas da Silva Salgueiro, espírito empreendedor e sagaz, e cuja actividade e dinamismo iam ser postos à prova, juntamente com a boa vontade dos seus colaboradores.

Rodeado de elementos capazes de o apoiar e secundar na sua tarefa, (Carlos Aleluia, Lucílio Garcia, João Macedo e Manuel Vicente Ferreira), pensou-se então, a sério, num **projecto de remodelação e transformação completa do velho Teatro Aveirense.**

Já antes, em Direcção presidida pelo ilustre aveirense, o falecido Dr. Lourenço Simões Peixinho, tinha sido levada a efeito a ampliação e transformação do palco, de acordo com as necessidades, e por exigências da Inspecção Geral dos Espectáculos, — e nesta parte da casa nada havia a alterar ou executar.

Empossada, pois, a nova Direcção, em 1945, imediatamente tratou esta de conseguir um projecto de obras que satisfizesse, — e foi submetido às Instâncias Superiores para aprovação.

Alterações de projectos, demoras burocráticas, condicionamentos impostos pelo futuro plano de urbanização, e mais circunstâncias imprevistas que não é mister aqui relatar, — fizeram demorar a aprovação do projecto e, consequentemente, traduziram-se no retardamento das obras a executar, por perto de 2 anos!

Entretanto, na eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1947 a 1949, é reeleita a Direcção da presidência de Egas Salgueiro, apenas com a substituição de alguns elementos; e, depois da aprovação do projecto e das necessárias autorizações, — o Teatro Aveirense encerrou as suas portas, para dar começo às grandes obras de remodelação, que tiveram seu início no fim do verão de 1947.

Confiada a sua execução a técnicos de reconhecido mérito, elas prosseguiram num ritmo de grande actividade de forma a que a interrupção da exploração teatral fosse o mais curto possível.

Do velho Teatro restam, apenas, o palco e as paredes, ou parte delas, talvez como verdadeiros abencerragens a conservar o eco de passadas glórias! O corpo inteiramente novo, construído no terreno anexo, veio aumentar prodigiosamente a traça do primitivo edifício, criando-lhe novas dependências para as suas instalações.

E, tal qual a Fénix da lenda, das cinzas do velho Teatro surgiu uma casa de espectáculos inteiramente nova, de linhas modernas, sóbria e elegante, com indispensável conforto e com salões amplos, formando tudo um conjunto de aspecto atraente, que pode considerar-se uma das melhores casas de espectáculos do país.

Uma revoada de palmas envolve as ultimas palavras de Duarte Simão, tendo-se ainda o sr. Governador Civil congratulado com o que acabava de presencear e constituia para Aveiro mais um motivo de orgulho, pois estava realizada outra obra grandiosa que só a eleva e a quantos trabalharam afanosamente até conseguirem o fim em vista.

O anunciado acto de variedades pela Companhia do Teatro Maria Vitória, de Lisboa, que representou a revista *Esquimó Fresquinho*, poz termo ao acontecimento dessa tarde depois do actor Carlos Leal dirigir também uma saudação à cidade.

Toda a gente que assistiu aos dois espectaculos de inauguração da sala se mostrou encantada pela maneira como a encontrou, só lamentando, como nós, a falta de Companhias iguais àquelas que no mesmo local tanto brilharam noutros tempos.

Da mesma sorte, o baile no salão anexo, em benefício da Santa Casa da Misericórdia, esteve em verdadeira concordância com o resto, visto em tudo se notar bom gôsto nas ornamentações escolhidas entre as mais apropriadas. Dançou-se animadamente até à madrugada, devendo a comissão de senhoras que o promoveu ter a certeza do agrado que deixou à selecta assistência. Foram essas as impressões colhidas pelo *Democrata* e que aqui ficam a dizer da nossa justiça sobre a obra de engrandecimento assim posta em destaque nas suas colunas.

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos; hoje a professora sr.ª D. Belmira Varela de Brito Vidal Crespo, esposa do sr. Américo Crespo, 2.º oficial da Direcção de Finanças, e também a esposa do sr. Jofre Gomes de Moura e o nosso amigo Jorge Marques; no dia 27, o sr. Carlos de Pinho Guedes Pinto, consul do nosso país em Bilbau (Espanha); em 28, o sr. António dos Santos Neves, proprietário da Pastelaria Chic, sua esposa e o sr. Rogerio Casal Ribeiro, de Espinho; em 29, o sr. José Dias Pinheiro, gerente da filial da C. U. F., Francisco Ferreira Martins e o filho Victor, do sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo negociante na capital; em 30, os srs. Tavares Ritto, Acúrcio Maia de Albuquerque, professor oficial em Silveiro (Oiã) e Alberto Arménio Pitarma, residente em Algés e filho do falecido alferes Alberto Exposto; em 1 de Dezembro, a sr.ª D. Maria Madalena Monteiro Rebocho Cristo, esposa do sr. dr. António Cristo, e em 2, a menina Maria Odete da Silva Martins, filha do sr. Armando Ferreira Martins, da Gafanha, e os srs. dr. Amílcar Gouveia, residente em Coimbra, e Mapril Guerra Orfão, ausente em Luanda (Angola).

Gente nova

Em Kikwit (Congo Belga) deu à luz uma linda menina a sr.ª D. Mariette Madail Rafeiro, esposa do sr. Pompeu Borralho Rafeiro e filha do nosso prezado amigo António Madail.

Foi baptisada com o nome de Vanda Maria, tendo servido de madrinha sua avó paterna, D. Laura Borralho Rafeiro, e o sr. João Madail, sócio dos importantes Estabelecimentos Madail, daquela cidade.

Um futuro perene de venturas desejamos à encantadora creança e a seus pais e avós as nossas felicitações.

Cine-Teatro Avenida

PROGRAMA

Sábado, 26 (às 21,30 h.)

O Barbeiro de Sevilha

Domingo, 27 (às 15,15 e 21,30 h.)

O filho do Sol

Terça-feira, 29 (às 21,30 h.)

3 minutos de vida

Quarta-feira, 30 (às 21,3 h.)
Quinta-feira, 1 (às 15,15 e 21,30 h.)

Deus lhe pague

Cooperativa da G. Militar de Aveiro

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 30 dos Estatutos desta Cooperativa, convoco os Ex.mos Sócios ordinários a reunir em Assembleia Geral ordinária para a eleição dos corpos gerentes para o ano de 1950, no Quartel de Cavalaria 5, pelas 15 horas do dia 2 de Dezembro.

Não comparecendo número legal, fica a mesma convocada para o mesmo local e hora do dia 6 do mesmo mês e ano.

Aveiro, 23 de Novembro de 1949.

O Comandante Militar,
JOÃO PEREIRA TAVARES
Coronel

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

Correspondências

Esgueira, 23

Não tem passado bem de saúde, o que sentimos, o nosso amigo Elísio Feio, funcionário da filial da Caixa G. de Depósitos dessa cidade.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

—No Hospital foi operada a uma perna, a filha mais velha do sr. Salvador Rodrigues.

Estimamos também que se cure radicalmente.

—Com sua esposa voltou para S. Paulo (E. U. do Brasil) a bordo do *Serpa Pinto*, o sr. José Henriques.

Feliz viagem.

—Deixou de existir, com 89 anos, a sr.ª Rosa Maria de Oliveira, sogra do construtor civil sr. Joaquim Alves Moreira e avó dos srs. dr. Artur A. Moreira, cap. José A. Moreira e alferes António J. Moreira, tendo-se realizado o entêrro com grande acompanhamento.

A toda a família, as nossas condolências.

C.

Oliveirinha, 24

Estiveram nesta freguesia uns missionários, que andam a prègar a sua doutrina pelos templos de Cristo, tendo chegado no dia 17 à noite e sido acolhidos pelos paroquianos, sem reservas, como é seu timbre. Foram à capela das Quintans onde, do alto do púlpito, falaram às gentes do lugar; na da Costa do Valado sucedeu o mesmo e na nossa igreja matriz foi tão grande a aglomeração de fiéis que só muito apertados couberam dentro dela.

Como nota a destacar mencionaremos a procissão das velas desde a última povoação, na noite de sábado, e que ao atravessar a gândara era dum efeito surpreendente, nunca visto, tal a quantidade de povo que se encorporou no cortejo ali organizado pelas irmandades com alguns andores, como o do S. Tomé, Senhora do Rosário, etc.

Comemorou-se com estas manifestações religiosas, segundo ouvimos, o 1.º centenário da criação da freguesia, a que se seguirá no dia 4 de Dezembro, outra, mas com caracter civil, que tem por fim homenagear o presidente da Junta, sr. Rafael Simões, pelos serviços prestados e cujo retrato será descerrado na sala das sessões, terminando com um almoço na Fábrica S. C. O. L. ao qual também deve assistir, entre outros convidados, o nosso conterrâneo, sr. Conselheiro Arnaldo Vidal.

Num cortejo que deve partir do Cruzeiro, toma parte a banda de música de Eixo.

—Foi bastante prejudicada, em consequência de ter chovido, a feira dos 21 ou de S. Martinho, como costuma ser designada neste mês.

Ainda assim apareceram bastantes cevados à venda.

C.

Padaria

Trespassa-se, situada no cabeço de Sarrazola, a 100 metros da estação de Cacia. Tratar no mesmo estabelecimento com o proprietário José Nunes da Silva.

TRIBUNAL DO TRABALHO

—o—

Edital

O Doutor António Augusto de Oliveira Gala, Juiz do Tribunal de Trabalho de Aveiro:

Faz saber que no dia 2 de Dezembro do corrente, pelas 10 horas, vai pela primeira vez à praça e o *usufruto* do prédio a seguir indicado, penhorado na execução por custas, que o digno Agente do Ministério Público junto deste Tribunal move contra a executada Eliza Rodrigues Durão, residente no lugar do Paço, freguesia de Esgueira, a saber: o *usufruto* de um prédio de casas altas, em bruto, no lugar do Paço, que parte do norte com Cecília Rosa dos Santos, do sul com vários, do nascente com Manuel Durão e do poente com estrada, registada na Matriz Predial Urbana da freguesia de Esgueira sob o artigo número 473 e descrito na Conservatória do R. Predial sob o número 40.948. Vai à praça por 600$00.

Para se constar se passou êste e dois de igual teôr que serão afixados um na porta do Tribunal, outro na porta do Regedor de Esgueira e outro na porta do prédio penhorado.

Aveiro, 21 de Novembro de 1949.

O JUIZ,
António A. de Oliveira Gala

Pelo chefe de Secretaria,
Rui Vicente Ferreira

Câmara Municipal de Aveiro

ÉDITOS

2.ª publicação

Doutor Alvaro Sampaio, presidente da Câmara Municipal do concelho de Aveiro:

Faço saber que Carlos Henriques de Matos Souto, casado, comerciante, residente na Rua de 31 de Janeiro, desta cidade, requereu a esta Câmara no sentido de ser autorizado a trasladar da sepultura n.º 346—2.º leirão—do Cemitério Sul, desta cidade, para a sepultura n.º 710—3.º leirão—do mesmo Cemitério, os restos mortais de seu irmão Rufino Pereira Souto, falecido em 14 de Maio de 1939.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos do falecido, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de 20 dias, contados da data da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida.

Findo êste prazo, o pedido será deferido se se verificar não haver quem, nos termos da lei, prefira ao requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Aveiro e Paços do Concelho, 10 de Novembro de 1949.

O Presidente da Câmara,
ALVARO SAMPAIO

Câmara Municipal de Aveiro

ÉDITOS

1.ª publicação

Doutor Alvaro Sampaio, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço saber que Carlos Migueis Picado, residente em Aveiro, na Rua de S. Martinho, requereu a esta Câmara no sentido de ser autorizado a trasladar da sepultura n.º 1039—4.º leirão—do Cemitério Sul, desta cidade, para a sepultura n.º 13—1.º leirão—do mesmo Cemitério, onde se encontra sepultado seu sogro João de Almeida, falecido em 30 de Setembro de 1944, os restos mortais de sua sogra Aurea Soares de Almeida, falecida em 3 de Maio de 1942.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos dos falecidos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no praso de vinte dias, contados da data da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida.

Findo este praso, o pedido será deferido se se verificar quem, nos termos da lei, prefira ao requerente, no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Aveiro e Paços do Concelho, 21 de Novembro de 1949.

O Presidente da Câmara,
ALVARO SAMPAIO

Comarca de Aveiro

Éditos de 90 dias

2.ª publicação

Pelo 2.º Tribunal, 2.ª Secção—Morais—correm éditos de 90 dias, a contar da segunda e última publicação deste, citando os interessados Claudino da Silva, solteiro, ausente em parte incerta; António da Silva, solteiro, maior, Manuel da Silva, Joaquim da Silva e João da Silva, cujos estados se ignora, ausentes em parte incerta de Lisboa, cujo último domicílio foram em Sanchequias, de Vagos, para no prazo legal e sob as cominações legais,—art.º 1110 do Código do Processo Civil, contestarem, querendo, os autos de curadoria definitiva requeridos contra o primeiro por sua mãe Maria da Conceição Ferro, viuva, agricultora, de Sanchequias, em que pede a curadoria definitiva aos bens daquele ausente seu filho, e julgada habilitada para receber e tornar entrega dos seus bens mediante canção, se fôr necessário, fazendo-se-lhe a entrega pelo inventário respectivo.

Aveiro, 10 de Novembro de 1949.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Miguel Varela Rodrigues

O Chefe da 2.ª Secção,
João António Morais Sarmento